

Artur de Barros Lima

Últimas Palavras

Discurso escrito, na antevéspera da morte, pelo saúdoso Presidente da Câmara de Barcelos, Dr. Barros Lima — e que por êle deveria ser pronunciado no dia 1.º de Dezembro de 1943 em homenagem à Mocidade Portuguesa e Professorado Primário do Concelho.



1.134.3-5Lima, Art

Colção da Câmara Municipal de Barcelos

1943

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————



Dr. Artur de Barros Lima

PRESIDENTE DA CÂMARA DE BARCELOS

Barros



Barcelos

OS MORTOS MANDAM . . .

O homem põe, mas Deus dispõe . . .

O malgrado Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, não pôde manifestar, de viva voz, as suas esperanças na Mocidade que desponta, nem dizer da sua veneração pelos orientadores e modeladores de consciências, — êsses obreiros intellectuais que são a pedra angular do carácter nacional — os Professores Primários.

Entendeu a Câmara de Barcelos que as últimas palavras públicas, sentidamente pensadas pelo homem ilustre que estava a dirigir os destinos das terras históricas do seu alfoz, deveriam ser conhecidas da grei. Por isso deliberou dar-lhes publicidade, para todos poderem ajuizar, pelas faúlhas de um fogo que se apagou, da luminosidade do espirito gentil, que seria para esta terra o homem predestinado para a impôr à posteridade, engrandecida e bela.

Que a Mocidade, a quem são dirigidas estas palavras de exortação patriótica, fixe na memória o nome do Homem dinâmico que tinha Idéias e Pensamentos para Concretizar em obras.

São as suas Últimas Palavras, ressumantes de Coragem, trasbordantes de Fé.

Meditemo-las.

Os mortos mandam!

ESTÁ oficialmente fixado o dia 1.º de Dezembro como data festiva da Mocidade Portuguesa.

Melhor não podia ter sido escolhido entre as datas que esmaltam a história nacional, através dos seus fastos, das suas grandezas, da sua gloriosa e imperecível epopeia.

O 1.º de Dezembro evoca um dos pontos mais culminantes do passado da Nação Portuguesa:— foi no 1.º de Dezembro de 1640 que Portugal despertou do letargo de 60 anos de captiveiro, imposto mais pela falácia e traição dos homens, que por culpa da Raça. E esta, representada por 97 patriotas, novos e velhos, nobres e plebeus, soube mais uma vez dar ao Mundo a lição do seu valor indómito, do carácter da sua independência e, entrelaçado nas maiores afirmações que um povo pode dar da razão da sua existência, o exemplo dum indefectível amor à Pátria.

Por isso mesmo, fica bem ligada à acção da actual Mocidade Portuguesa, a tradição do grandioso dia 1.º de Dezembro de 1640.

E bem ligada ela está duma forma especial à história desta nobre cidade.

Foi daqui, precisamente dêste local, que o ilustre Capitão João Rodrigues Fontoura à frente de milhares de bravos do termo de Barcelos marchou nesse memorável dia e a convite dos moradores de Viana da Foz do Lima, a conquistar aos castelhanos o seu castelo.

E dêles disse então o Padre Manuel de Galegos no seu poema o Templo da Memória :

*« Só de Barcelos houve alardo um dia
Em que o sol, por os campos dilatados,
Em terrível e fera galhardia
Dezassete mil peitos viu armados! »*

Todo o decorrer da revolução que naquele momento eclodiu, como uma das mais imperativas e eloquentes afirmações do amor dos portugueses à sua independência, contém infinitos exemplos do que vale um povo que quere e sabe o que quere.

E, prêso ainda ao espírito da Mocidade que hoje e sempre perpetuará aquêle dia como símbolo heróico e inolvidável do seu poder no presente e futuro, basta atender-se a dois dos mais fulgurantes e luminosos trípticos que ornaram a história real dos lances épicos da restauração que soubemos conquistar.

São êles os «ex-libris» da Mocidade Portuguesa, marcando a sua posição perante a revolução nacional de 1640; são o cunho imorredouro duma mocidade, sempre firme, sempre desperta, sempre devota, perante o altar da Pátria, em que êsses trípticos fulgem com o vislumbre e a auréola de quadros de honra em letras de ouro, ou de santos erguidos nas aras da imortalidade.

Dum lado, uma mãe portuguesa, enternecida e enlevada no seu amor pela pátria e pelos filhos.

Prostrada de joelhos, perante o oratório familiar, naquela brumosa e fria manhã de Dezembro, ela não consegue separar no seu culto íntimo, o amor por Portugal envilecido e escravizado e a paixão pelos seus dois jôvens filhos.

Se roga a Deus a independência da sua Pátria, teme que na voragem da revolta a vida dos entes queridos seja arrastada para a destruição.

Amor de mãe e amor de portuguesa!

Qual vencerá, no momento em que as vacilações são transes perigosos e fatais?

Deus ilumina-a. Ergue-se do genuflexório, aureolada pelo diadema da grandeza no martírio, e da fé no sobrenatural.

O seu coração já não vacila. A mãe de todos é a Pátria e por esta e só por esta nos devemos sacrificar. As suas mãos até então suplices e trémulas, já não

hesitam. Buscam as espadas, as viseiras e as esporas. E já o sol glorioso das batalhas desponta atrás do vestusto castelo de S. Jorge, já se aproxima a hora combinada para o ataque ao palácio da Ribeira, aquela mãe divinizada pelo mais sagrado dos sentimentos chama seus filhos.

Aparece então em tôda a luminosidade da História, a heróica D. Filipa de Vilhena, enquadrada entre os dois seres que no mundo mais amara: — seus filhos D. Jerónimo e D. Francisco.

Ali mesmo os arma cavaleiros, cingindo-lhes as espadas cintilantes dos seus ilustres avoengos.

O amor da Pátria, sobrepuja a todos. Depois de Deus, a Pátria.

Enxuga as lágrimas e no olhar aquêle brilho das heroínas transformado em chama ardente do mais acrisolado affecto na fé nascente, comovedoramente lhes diz:

« Ide, ide acabar com a tirania, ide vingar e defender a Pátria contra os seus inimigos; lutai e vencei. E se não sobreviverdes, convosco me irei juntar num mundo melhor ».

O exemplo de D. Filipa de Vilhena frutifica. De outro lado, uma outra mãe, uma outra portuguesa, igualmente arma cavaleiros os seus dois filhos, os jó-

vens António e Fernão Teles da Silva e os manda para as ruas revoltas da capital. É D. Mariana de Lencastre.

E o que foi essa arrancada heróica dos quatro jovens, florindo entre tantos que à voz magestosa do octogenário D. Miguel de Almeida, atacaram o Paço da Ribeira e para sempre derruíram a tirania castelhana, é página tão brilhante da nossa história, que seria ocioso descrevê-lo. Porque assim como o sol se não pode ofuscar, nunca se pode apagar da retina dos portugueses, a grandeza do movimento que no 1.º de Dezembro de 1640 fêz como a fenix, renascer Portugal das próprias cinzas.

Êstes dois trípticos, alegorias expressivas e culminantes, são, na verdade, o melhor exemplo que se pode dar hoje e sempre à Mocidade Portuguesa. Amor à Pátria, amor à sua independência, amor da família, tudo neles aparece concatenado sob a égide de Deus, aquêle Deus que, no crucifixo empunhado pelo P.º Nicolau da Maia, desprendeu o braço para abençoar os heróis da revolução.

E a multidão, em côro, alvoroçada pelo gesto, contrita, então bradava: « Milagre, milagre! »

Milagre, sim, milagre do amor da Pátria, milagre que Deus obrava para que houvesse um rei português, como acertadamente dizia o Arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo de Meneses.

Este milagre repetir-se-á tantas vezes quantas a raça portuguesa o queira, tantas quantas a Mocidade Portuguesa o peça.

Quando as mães se sacrificam, no exemplo vivo duma Filipa de Vilhena e duma Mariana de Lencastre, quando os filhos lutam por um ideal tão nobre e tão justo como é a defeza e independência da sua Pátria, não há fôrças humanas que resistam, não há milagres que se não operem.

Aquilo que D. João de Castro disse na conquista de Malaca: «por cada pedra desta fortaleza, vos darei um filho», di-lo a Pátria dia a dia a seus filhos, para que cada um de nós seja uma pedra da fortaleza invencível da nossa grandeza e da nossa nacionalidade.

Disse-o ainda aquella denodada e patriótica mulher da freguesia de S. Salvador de Quiraz, bem perto desta cidade, que nem por se envolver o seu nome nas brumas da História, não deixa no presente lance de merecer referência.

Era em 1639, predecessor do ano da restauração. Profetizando a revolução que arrancaria Portugal do jugo castelhano, a modesta barcelense firma a veracidade da profecia feita a uma vizinha, na certeza de que em seu ventre estava gerando 4 filhos e que se elles nascessem, exacta era a restauração.

Assim succedeu. Os 4 gémeos de Quiraz viram a luz do dia antes do 1.º de Dezembro e a profe-

cia cumpriu-se. E no seu amor de mãe portuguesa, passou a acalentá-los, para, conforme ela predizia, serem soldados do rei de Portugal.

São êstes, sem dúvida, os ensinamentos principais que se pretende tirar da comemoração que a Mocidade Portuguesa faz da data gloriosa do 1.º de Dezembro.

Não nos esqueçamos também no dia de hoje, tantos são os exemplos de legítimo orgulho que êle nos sugere, da frase célebre da duqueza D. Luísa de Gusmão a seu marido, o Duque de Bragança, depois D. João IV: — « Antes morrer reinando, do que acabar servindo ».

Assim é: combater pela Pátria até morrer, defender a sua independência, antes que ser escravo.

E nessa defeza sejamos tão ciosos, como o foi aquêle bravo D. Carlos de Noronha quando no memorável dia 1.º de Dezembro, tendo intimado a intrusa Duqueza de Mântua a retirar-se do Paço, a fim de não dar ocasião a que se lhe perdesse o respeito, ela recalcitou: « A mim? Como? » Ao que o herói retorquiu:

« Como? Obrigando-a a sair por aquela janela, se não quiser entrar por aquela porta ».

E aos gritos de « liberdade » soltados pelo povo, ela se retirou, convicta de que quem ama a independência, a faz respeitar por todos os meios...

Mocidade Portuguesa :

Que a comemoração do 1.º de Dezembro seja uma afirmação patriótica, enérgica, inabalável da nossa dedicação pela Mãe-Pátria.

Como diz Salazar, « confiemos, sobretudo, mais que na fôrça das armas, na coesão e firme unidade nacional, no profundo e vivo amor à terra portuguesa, naqueles altos exemplos dos valores da nossa História e ideais da nossa civilização, que as armas não matam e o fogo não pode destruir ».

Um desses exemplos deram-nos os heróis da jornada gloriosa cujo dia hoje se festeja.

Foi a voz nacional que falou e venceu, porque se escudava na vontade dum povo e na unidade que sempre soube manter em tôdas as adversidades.

Por isso mesmo, é que um fidalgo hespanhol do séquito da expulsa Duqueza de Mântua, ao admirar o júbilo e as manifestações de regosijo, com que na noite do 1.º de Dezembro de 1640, o povo celebrava o seu feito, perguntava :

« Será possível que se tire um reino a um el-rei D. Filipe com luminárias e vivas, sem qualquer intervenção do exército » ?

A isso respondi: é e será sempre possível vencer enquanto os portugueses fôrem todos por um e um por todos na defeza da sua Pátria.

É e será sempre possível vencer enquanto a união que faz a fôrça, fôr o timbre de todos os nossos actos, em volta da acção do poder constituído: unidade nacional e unidade de espírito.

É e será sempre possível vencer, enquanto a chama da Pátria não vacilar, em obras e em ideais, no exemplo do passado e nas lições do presente, no coração de todos nós.

Vós sois, ó Mocidade Portuguesa, por uma feliz coincidência do Destino, que mais parece obra inspirada por Deus, vós sois os actuais detentores do Palácio da Independência, aquêlê histórico palácio de D. Antão Vaz d'Almeida, onde se lançou a semente da revolução do 1.º de Dezembro. É ali a vossa sede, desde os princípios do ano passado, por dádiva generosa ao Estado, da gente portuguesa em terras de Santa Cruz.

A Providência quis assim ligar ao passado, a vossa acção patriótica no presente e no futuro, olhos fitos numa geração que soube levar ao máximo expoente o amor à Pátria e à sua independência.

Para me servir das palavras do ilustre representante dêsses portugueses do Brasil, no momento em

que do Palácio da Independência fêz doação ao Governo Português, eu quero dizer, com êle :

« Mocidade Portuguesa » ! É a vós que sobretudo me dirijo por fim, porque sois vós, môços de Portugal, quem leva nas mãos os estandartes ; no coração e na intelligência a beleza e a fôrça de todo o nosso amor à terra e à Pátria Portuguesa.

Pertence-vos o futuro, cujas raízes o passado vivifica, e êste vos ensina a ser abnegados, destemidos, grandes e humildes, como os grandes da conquista, como os humildes da colonização. Tecei, forjai e cultivai o vosso e nosso destino na escola da Independência nacional, sem desfalecimento e sem pessimismo; segui o exemplo tão belo de Carmona e de Salazar, e depressa aprendereis a ser o quanto nos basta ser : portuguezes de Portugal e do Império, livres e honrados, há oito séculos donos legítimos da casa lusitana, lavrando a nossa terra, florindo o nosso jardim, com direito a viver em paz e a manter no Mundo a nossa provada vocação de colonizadores e de missionários » !

Se assim procederdes, Portugal será sempre uno, forte e respeitado.

E cada um de vós poderá, extático no exemplo do passado, satisfeito do dever cumprido exclamar num grito de glória e de orgulho :

« Esta é a ditosa Pátria minha amada »

Mas lembrai-vos ainda de que o que sois, o deveis à formação espiritual que os professores vos dão.

São êles quem na obscura humildade e na dura tenacidade da sua tarefa diária vos incute o ensino; a moral e a educação.

Apóstolos abnegados, missionários incansáveis, na labuta incessante dos bancos das escolas dão-vos o pão do espírito sem outra recompensa que a satisfação igual à vossa do dever cumprido.

O que amanhã de bom conservardes, ó Mocidade de Barcelos, na lenta transfusão que vão fazendo no vosso espírito, a êles o ficareis devendo, numa doce recordação pelo passado que em vossa vida se fôr extinguindo.

E assim o vosso dia, o dia de hoje, não se pode divorciar da vida dos professores.

Os lauréis dos triunfos conquistados a êles os deveis; êles vos aconselham nas encruzilhadas da vida, acarinham na adversidade, amparam nas fraquezas, animam nas indecisões e na luta.

A êste preito de homenagem e de gratidão que lhe deveis, se quere associar a Câmara Municipal de Barcelos, num acto de justiça que por demais nunca é exalçado para com o seu professorado primário. Quando se pensa que no ano passado em mais de 1000 alunos de entre vós que freqüentaram as escolas dêste concelho, mais de 800 obtiveram aprovação e passagem de classe, tôdas as palavras são poucas para se lhes reconhecer públicamente o mérito e se lhes prestar o louvor devido.

Os professores do concelho de Barcelos têm sabido ser o elo indestrutível que liga a Mocidade Portuguesa à Pátria.

Bem merecem duma e doutra.

É o que dêste geito lhes venho significar públicamente em nome da Câmara Municipal.

biblioteca
municipal
barcelos



16071

Últimas palavras *